

## **DA SUBSISTÊNCIA DO SISTEMA FAXINAL A SUBORDINAÇÃO A AGROINDÚSTRIA DO FUMO: A DESAGREGAÇÃO DO FAXINAL DOS LEMES NO MUNICÍPIO DE IPIRANGA - PR<sup>1</sup>**

**Elaine Cristina Lemes – Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)**  
[elaine.lemes@pop.com.br](mailto:elaine.lemes@pop.com.br)

**Cicilian Luiza Löwen Sahr - Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)**  
[cicilian@uol.com.br](mailto:cicilian@uol.com.br)

### **Introdução**

O Faxinal consiste numa racionalidade camponesa autosustentável que permite um equilíbrio socioambiental com baixa inserção no mercado capitalista. Apresenta uma estrutura básica de três espaços: o criadouro comum, as terras de plantar e as cercas.

No criadouro comum o uso da terra é coletivo, porém a propriedade/posse continua sendo privada, nele é desenvolvida a atividade silvopastoril, ou seja, criação de animais como o gado miúdo (principalmente porcos) e gado graúdo (cavalos, bois etc.) na Mata com Araucária. No criadouro também ocorre a extração da erva mate e a extração de madeira. As residências e paiós se localizam no criadouro comum.

As Terras de Plantar são terras que se localizam fora do criadouro comum e são de uso privado. A policultura é desenvolvida em terras própria ou arrendadas, geralmente localizadas nas imediações do criadouro comum, sendo os produtos mais cultivados o milho, o arroz, a batata e a mandioca. As cercas e/ou valos fazem a delimitação entre as terras de plantar e o criadouro comum.

Segundo Marques (2004), no Paraná existiram pelo menos 152 Faxinais, mas, atualmente destes 44 são considerados remanescentes, por que preservam a organização social característica deste sistema, 56 foram desativados apresentando atualmente somente a paisagem de faxinal, e 52 estão extintos, ou seja, perderam totalmente suas características originais. No município de Ipiranga, ainda segundo este autor, consta a existência de um faxinal remanescente: o Faxinal de Barreiro, também conhecido como Faxinal dos Lemes. É sobre este faxinal específico que este artigo se concentra.

A escolha do tema da presente pesquisa, subordinação à agroindústria do fumo como fator de desagregação do sistema faxinal, insere-se na preocupação com a crescente redução deste modo de

---

<sup>1</sup> Este artigo resume alguns aspectos do Trabalho de Conclusão de Curso de Elaine Cristina Lemes, o qual faz parte de um projeto maior intitulado “A sustentabilidade do Sistema Faxinal enquanto organização camponesa da região da Mata de Araucária no Paraná” coordenado por Cicilian Luiza Löwen Sahr e que conta financiamento da Fundação Araucária e do CNPq.

vida típico da região da Mata com Araucária do Paraná. Busca-se investigar os aspectos sócio-ambientais, culturais e econômicos do Sistema Faxinal, e quais as conseqüências de sua desagregação, analisando para isso o caso do Faxinal dos Lemes no município de Ipiranga-PR.

O objetivo é analisar as transformações que afetam a sustentabilidade do Faxinal dos Lemes, levantando as características específicas deste faxinal (origem, história, estrutura física, uso da terra, aspectos ambientais, manifestações culturais, etc.) e identificando as alterações sócio-econômicas e ambientais geradas pela introdução da fumicultura neste faxinal. Objetiva-se também avaliar o estágio de degradação e/ou desagregação do Sistema Faxinal.

Para o levantamento destas informações foram utilizadas técnicas de diagnóstico rural participativo (DRP) tais como: mapeamento participativo - o qual foi aferido com a utilização de GPS, entrevistas semi-estruturadas, perfil histórico, caminhada, calendário sazonal e rotina diária. Também foi utilizada documentação fotográfica.

## **1 O Sistema Faxinal enquanto Campesinato Tradicional**

Segundo Wanderley (1996), a agricultura camponesa tradicional vem a ser uma das formas sociais de agricultura familiar, uma vez que esta se funda numa estrutura produtiva onde a família ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo. Porém, a agricultura camponesa tradicional apresenta particularidades que a especificam no interior do conjunto maior da agricultura familiar, e que dizem respeito aos objetivos da atividade econômica, às experiências de sociabilidade e a forma de sua inserção na sociedade global.

Henri Mendras (1976, apud WANDERLEY, 1996, p. 2) identifica cinco traços característicos das sociedades camponesas: uma relativa autonomia face à sociedade global; a importância estrutural dos grupos domésticos, um sistema econômico de autarcia relativa, uma sociedade de interconhecimento e a função decisiva dos mediadores entre a sociedade local e a sociedade global.

Ainda segundo Wanderley (1996), a autonomia das sociedades camponesas é demográfica, social e econômica. Neste último caso ela se expressa pela capacidade de prover a subsistência do grupo familiar em dois níveis complementares: a subsistência imediata, isto é, o atendimento às necessidades do grupo doméstico e a reprodução da família pelas gerações subseqüentes. Da junção desses dois objetivos resultam suas características fundamentais: a especificidade de seu sistema de produção e a centralidade da constituição do patrimônio familiar.

O sistema de produção camponês tradicional, chamado de “policultura-pecuária”, consiste numa “combinação de diferentes técnicas” que ao longo do tempo foram sendo aperfeiçoadas, até atingir um equilíbrio entre o grande número de atividades agrícolas e de criação de animal. Estudos sobre as

sociedades camponesas tradicionais mostram que a evolução destas pode ser percebida através do esforço de aperfeiçoar essa diversidade, “seja pela introdução de novas culturas, até o limite da supressão das áreas de pousio, seja pelo aprofundamento da relação entre as culturas e as atividades pecuárias efetuadas no estabelecimento” (WANDERLEY, 1996, p.2).

A adequação do camponês tradicional a este sistema “policultura-pecuária” consiste na qualidade e na quantidade de trabalho associado, pois exige um trabalho intensivo, que só os membros da família se dispõem a aceitar. A multiplicidade de tarefas que ele implica exige uma grande organização do trabalho, e da mesma maneira uma grande diversidade de competências. Sendo assim, é o próprio camponês que se autodisciplina, pois sua linha de conduta não pode ser ditada do exterior. Esta autodisciplina implica em força de trabalho disponível e intensidade de trabalho exigido ao longo do ano.

A adequação a forma de organização do trabalho comentada no parágrafo anterior, está presente no sistema faxinal, podendo ser vista na policultura, na atividade silvopastoril, na manutenção das cercas e paiós, na extração de erva-mate etc. Onde as famílias e/ou os grupos comunitários trabalham em conjunto, dividindo as várias tarefas existentes.

Com o objetivo de garantir a subsistência imediata e a reprodução da família pelas gerações subseqüentes, o camponês recorre ao passado, o que lhe permite construir um saber tradicional, transmissível aos filhos e justificar as decisões referentes à alocação dos recursos, especialmente no trabalho familiar, assim como a maneira que ocorrerá o consumo da família em diferentes épocas. O campesinato apresenta uma cultura própria, que se refere a uma tradição, inspiradora entre outras, das regras de parentesco, de herança e das formas de vida local (WANDERLEY, 1996).

Parte do campesinato pode ser reconhecido como população tradicional. Conforme Diegues (2000), o papel do conhecimento e manejo tradicional na conservação, pode ser definido como o saber e o saber fazer, com relação a mundo natural e sobrenatural, gerados no âmbito da sociedade não urbano/industrial, e passados oralmente de geração em geração. As populações tradicionais não vêem a biodiversidade como um “recurso natural”, mas sim como um conjunto de seres vivos que possuem um valor de uso e um valor simbólico, integrado numa complexa cosmologia. Nesse sentido é possível falar numa etnobiodiversidade, isto é, a riqueza da natureza da qual os humanos participam, nomeando-a, classificando-a, domesticando-a, mas de nenhuma forma nomeando-a selvagem e intocada.

Diegues (2000) conclui que a biodiversidade pertence tanto ao domínio do natural quanto do cultural, porém é a cultura como conhecimento que permite que as populações tradicionais possam entendê-la, representá-la mentalmente, manuseá-la e, freqüentemente, enriquecê-la.

As comunidades faxinalenses são populações tradicionais que utilizam a Mata de Araucária de forma sustentável através da atividade silvopastoril e da extração da erva-mate, colaborando diretamente para a conservação dessas áreas.

## **2 A subordinação à agroindústria do fumo e a quebra da sustentabilidade**

O Sistema Faxinal é considerado uma forma de organização auto-sustentável por apresentar a capacidade de prover-se de víveres seus integrantes, ou seja, no faxinal são produzidos os gêneros alimentícios necessários a sobrevivência do homem, além da produção de alimentos para a alimentação das criações. No Sistema Faxinal tanto a agricultura quanto à criação de animais é voltada para a subsistência, sendo comercializado somente o excedente da produção. O pequeno lucro adquirido com a venda do excedente é investido no próprio faxinal com o intuito de se conservar os meios de produção visando à subsistência das próximas gerações.

O uso sustentável dos recursos naturais consiste na utilização de forma racional e sem destruição, desperdícios ou perdas. Dessa forma também ocorre no Sistema Faxinal o uso sustentável da Mata de Araucária através da atividade silvopastoril comunitária, que consiste na criação de animais sob a mata, e da extração da erva-mate.

Essa sustentabilidade vem sendo rompida pela introdução das agroindústrias nos faxinais, como por exemplo, no Faxinal dos Lemes, aonde a agroindústria do fumo vem se utilizando da mão-de-obra familiar e monopolizando a produção do faxinal. A agroindústria do fumo é responsável pela desagregação da sustentabilidade ambiental, pois está prega o desmatamento para o plantio de fumo e a utilização da madeira para o abastecimento das estufas.

A sustentabilidade econômica também é rompida. Quando o agricultor entra no cultivo de fumo é financiado pela agroindústria fumageira adquirindo dívidas com a mesma, além de ter que vender a produção pelo preço estabelecido pela agroindústria ficando totalmente subordinado a ela. O cultivo do fumo se apossa da produção de quase toda a área, dessa forma o agricultor tem que comprar a alimentação humana e animal. Também leva a desagregação cultural, pois o fumicultor tem que trabalhar segundo o sistema imposto pela agroindústria, não exercendo mais as suas atividades costumeiras, como a visitação entre vizinhos, as novenas, as festas em homenagem a santos e a dança de São Gonçalo, devido ao tempo de trabalho imposto pelo cultivo do fumo.

Segundo Eteges (1991), um dos fatores que caracterizam a subordinação do trabalho do agricultor familiar à agroindústria fumageira é o preço do fumo, pois através dos preços pagos aos produtores, os quais muitas vezes não cobrem nem se quer o custo de produção, é que ocorre a transferência de todo o seu trabalho não remunerado as empresas. As empresas utilizam-se de várias táticas para manter a dependência. Um exemplo é pagar preços diferenciados de acordo com a região e de acordo

com o produtor. O que favorece esse procedimento é o grande número de classes e a influência de certos produtores, assim os líderes de comunidades, os mais influentes, recebem preços melhores pelo seu produto, influenciando os demais. Também os agricultores que iniciam a dedicação ao plantio de fumo são favorecidos, como forma de incentiva-los a persistirem. Dessa forma a lavoura e os investimentos são ampliados até o completo comprometimento através das dívidas, fazendo com que a produção de fumo passe a ser a principal atividade.

Outra forma de subordinação seria a falsa concorrência, estabelecida através de acordos entre as empresas fumageiras.

Em localidades onde atuam várias empresas existe uma política de criar uma imagem de "concorrência" entre as empresas. Isso leva os produtores a entregarem o fumo a uma empresa e no ano seguinte a outra, na ilusão de que assim estariam prejudicando ou enganando as empresas. No entanto, existem acordos entre as empresas prevendo tudo isso, por que o seu objetivo maior é que os produtores não deixem de plantar fumo. Contudo esses procedimentos surtem efeitos favoráveis às empresas, pois pelo fato de nunca tratarem todos os produtores da mesma maneira cria-se um clima de desunião e de divisão entre os mesmos. Passam a ver diferenças nos preços pagos entre uma e outra empresa e caem no outro extremo, não reclamando da empresa, procurando agradar o instrutor, porque afinal, como dizem "quem trabalha bem é reconhecido". (ETEGES, 1991, p.130).

Segundo Oliveira (1996), a agricultura brasileira deve ser estudada no bojo da compreensão dos processos de desenvolvimento do modo capitalista de produção no território brasileiro, tomando como ponto de partida a concepção de que esse desenvolvimento é contraditório e combinado. Isto significa que ao mesmo tempo em que o desenvolvimento avança no campo, reproduzindo relações especificamente capitalistas (implantando o trabalho assalariado através da figura do "bóia-fria") produz também, contraditoriamente relações camponesas de produção (através do trabalho familiar). Com o progresso técnico e o desenvolvimento do modo capitalista de produção na agricultura, o trabalho e a produção camponesa são subordinados ao capital. Pois a divisão do trabalho permite uma divisão dos ofícios da jornada, tornando o trabalho mais denso e possibilitando assim uma redução do período de produção. No caso da agricultura camponesa, o capital monopolista desenvolve liames para subordinar e apropriar a renda da terra produzida pelos camponeses, transformando-a em capital. Nesse caso, o capital não tem necessariamente se territorializado, mas sim monopolizado o território quando este está ocupado pelos camponeses. Pode-se observar essa relação monopolista da produção em um território no caso da agroindústria fumageira, a qual subordina a produção familiar camponesa sem territorializar-se.

### **3 O Faxinal dos Lemes Ontem e Hoje**

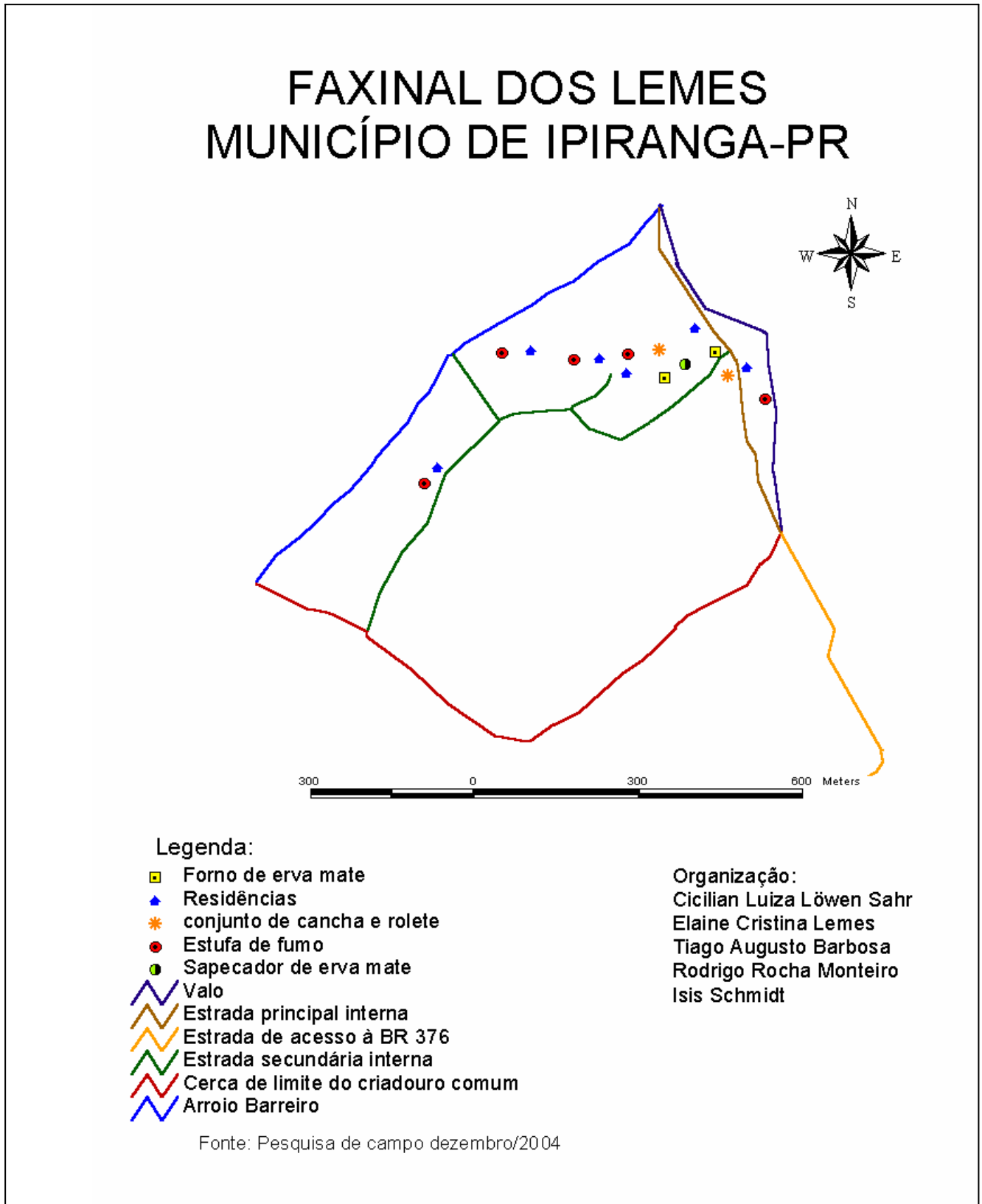
O Faxinal dos Lemes, também denominado de Faxinal do Barreiro em virtude de sua localização as margens do arroio com este mesmo nome, localiza-se no município de Ipiranga-PR. Conforme medição no local, a porteira de entrada do criadouro coletivo encontra-se nas coordenadas 50°30'00" de latitude sul e 25°06'36" de longitude oeste, e a uma altitude de 854 metros acima do nível do mar. Segundo Sebastião Lemes (morador mais antigo do faxinal), este faxinal possui uma área total de

24,00 alqueires, sendo metade desta área utilizada como criadouro comum e a outra metade como terra de plantar.

Em visita a comunidade em estudo, onde se conversou com os moradores mais antigos do faxinal, soube-se que Antonio Lourenço de Ávila, tropeiro vindo de Campoerê -RS e fundador da cidade de Imbituva - PR, adquiriu terras na localidade de Barreiro, município de Ipiranga - PR. Estas terras foram mais tarde herdadas por sua filha Carolina e seu genro Manoel Lemes, tropeiro vindo do Rio Grande do Sul natural de Santa Maria, os quais organizaram sua propriedade na forma de Faxinal. As seis famílias que hoje moram neste local são, assim, parentes entre si e descendentes de Carolina e Manoel Lemes, e possuem descendência cabocla. No Faxinal dos Lemes encontramos somente a paisagem de Faxinal, pois o Sistema Faxinal, enquanto organização social, se encontra desativado. A área do criadouro comum, a das terras de plantar e as cercas e valos ainda podem ser identificadas. O antigo criadouro possui uma área de aproximadamente 12 alqueires com Mata de Araucária. Esta área atualmente vem sendo gradativamente ocupadas pelas plantações e estufas de fumo.

Atualmente residem no antigo criadouro comum 6 famílias, a do Sr. Sebastião Lemes e a de seu filho José Silvio Lemes, a do Sr. Joanino Lemes e de seus filhos José Olívio e João Elias Lemes, e também a do Sr. Antonio Grobesk, totalizando um número de seis residências. O antigo criadouro comum é cortado por uma estrada principal interna e três estradas internas secundárias, existindo também uma estrada de acesso a BR 376. Também estão presentes no antigo criadouro comum 5 estufas de fumo, 2 fornos de erva-mate, 1 sapecador e 2 conjuntos de cancha e rolete que eram utilizados no beneficiamento da erva mate. Ao norte e noroeste do criadouro encontra-se o Arroio Barreiro, a leste o valo, ao sul e sudoeste a cerca de divisa entre o criadouro comum e as terras de plantar (Figura 01).

Figura 01



A desarticulação do criadouro comum tem início com as transformações econômicas na produção agrícola. Essas mudanças não permitiam a rentabilidade de alguns produtos agropecuários como a criação de suínos e a extração de erva-mate. A baixa lucratividade gerou alterações nas relações de produção e no desenvolvimento socioeconômico do criadouro. Com a fiscalização sanitária e a instalação de granjas na região oferecendo uma maior produtividade e menor custo, o porco crioulo não consegue competir perdendo espaço no mercado regional.

Além dos problemas com a comercialização dos porcos e a baixa produção de erva-mate enfrentados pelos faxinalenses nessa fase da economia, o aumento da circulação pela estrada que corta o criadouro e o não fechamento de porteiras causaram mais problemas. As porteiras abertas permitiam a entrada dos animais nas terras de plantar, causando danos à produção agrícola do Faxinal. O criadouro comunitário que chegou a produzir entre 160 e 200 porcos por ano foi desativado em 1999. Atualmente os animais são criados em piquetes fechados. Encontram-se no Faxinal 12 cavalos utilizados no trabalho agrícola, 10 cabeças de gado leiteiro, 3 carneiros e alguns porcos para o consumo.

O que causou um maior impacto na manutenção do Sistema Faxinal foi, entretanto, o cultivo de fumo. Há cerca de vinte anos tem-se os primeiros indícios da introdução deste cultivo na região. O sistema faxinal apresenta características que possibilitam a reprodução sócio-cultural, econômica e ecológica de forma sustentável. Torna-se, assim, compreensível que esta sustentabilidade seja rompida com a inserção da indústria fumageira no Faxinal. Enquanto o sistema faxinal preservava a Mata de Araucária necessária para a reprodução das criações e para a continuidade da extração da erva mate, a fomicultura promove a derrubada da mata para ser utilizada como combustível no forno das estufas e também para o aumento da área de fumo cultivada, além de promover a substituição da mata nativa pelas plantações de eucalipto que futuramente servirão como combustível para as estufas.

Com a ampliação das áreas ocupadas por fumo, ocorre um aumento na utilização de adubos e inseticidas, gerando problemas ambientais como a contaminação de mananciais e desmatamento, além de danos a saúde dos agricultores. Segundo Sebastião Lemes, antes da introdução do fumo no Faxinal, não eram utilizados adubos e inseticidas químicos.

### **Considerações finais**

Constatou-se que os fatores promotores da desarticulação do Faxinal dos Lemes são: a baixa produtividade da erva-mate, a desqualificação do porco comum no mercado consumidor, a divisão de terras por motivo de herança, os problemas com o não fechamento de porteiras e, principalmente, a introdução do cultivo de fumo na região a partir da década de 1980.



A introdução da fumicultura neste faxinal desestruturou a sustentabilidade ambiental, pois o antigo criadouro comum, o qual apresenta a cobertura vegetal composta por Mata de Araucária, vem sendo desmatado para o aumento das áreas de cultivo de fumo, além da utilização da madeira para o abastecimento dos fornos das estufas.

A sustentabilidade econômica também é desarticulada pela agroindústria fumageira, pois enquanto no Sistema Faxinal o produtor tem certa autonomia econômica produzindo para a sua subsistência, no cultivo do fumo o agricultor é subordinado agroindústria fumageira. Esta agroindústria também afeta a cultura local, impondo o seu sistema de produção, o qual toma todo o tempo do agricultor. Assim, estes não podem mais fazer a visitação na casa dos vizinhos, as novenas, as festas em homenagem a santos e a dança de São Gonçalo.

O Sistema Faxinal constitui uma forma de organização que através do uso sustentável da Mata de Araucária contribui para a preservação e proteção desta sem renunciar a sua utilização. Sendo assim, podemos afirmar que ecologicamente as intervenções do Sistema Faxinal, que pratica a agricultura tradicional, ao contrário da agricultura moderna, apresentam um menor impacto ambiental devido aos seus usos múltiplos.

Atualmente esse sistema vem apresentando dificuldades de sobrevivência devido à supervalorização da agricultura moderna em detrimento da agricultura tradicional, a falta de incentivos à agricultura familiar, a não valorização das manifestações culturais e a busca incessante do capitalismo por lucros. Isto vem fazendo com que a agricultura familiar seja subordinada as agroindústrias capitalistas, perdendo sua autonomia e autenticidade. Sem dúvida alguma, trata-se de um sistema de relevante importância ecológica, social, histórica e cultural, o qual deve ser preservado e revitalizado de forma a contribuir para com o desenvolvimento local/regional.

## Referências

- DIEGUES, A. C. S. **Etnoconservação: Novos Rumos para a conservação da Natureza**. São Paulo: Hucitec, 2000. 1-45p.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000. 75-99p.
- ETEGES, Virginia. **Sujeição e resistência: os camponeses gaúchos e a indústria do fumo**. Santa Cruz do Sul: Livraria e editora da FISC, 1991. p.23-157.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. de. Agricultura brasileira: Transformações recentes. In. ROSS, J. L. S. (org). **Geografia do Brasil**. São Paulo. Edusp, 1996. p.465-534.
- SAHR, Cicilian L.L. e CUNHA, L. A. Caboclos entre a idade média e a pós-modernidade. **Anais XX encontro dos geógrafos da América Latina**. São Paulo: USP, 2005. p.13131-13143.
- WANDERLEY, Maria Nazaré. Processos sociais agrários: raízes históricas do campesinato brasileiro. **Anais XX Encontro anual da ANPOCS**. GT17. Caxambu, MG. Outubro 1996.